

## A TALE OF TWO

### CITIES: NOTAS DE LEITURA

Maria de Fátima Marinho  
Universidade do Porto

No âmbito das comemorações sobre a obra de Charles Dickens, escolhi refletir sobre um livro de que gosto especialmente, *A Tale of Two Cities* (em português, *A História de Duas Cidades*), publicado em 1859. O que tem este livro de diferente? A resposta parece já ter sido dada nas intervenções anteriores, nomeadamente pelos Professores Doutores Jorge Bastos da Silva e Luís Araújo; a sua “diferença” reside na sua incontornável atualidade, razão pela qual não parece estranho que nos reunamos para dele falar.

A sua atualidade reside sobretudo na forma como equaciona as relações entre a Literatura e a História, ou como parte desse binómio para explorar, quase que micro-estruturalmente, as inevitáveis contradições. A ação do romance passa-se na Revolução Francesa e Dickens põe em confronto dois tempos, dois lugares, e personagens que representam estes dois tempos e estes dois lugares; as personagens têm ainda muitas características românticas, embora já possuam traços que anunciam uma nova forma de conceber ação e personagens. É interessante verificarmos que o início do romance assume uma dualidade que encontra paralelo nas personagens e nos tempos, pondo em confronto realidades opostas, contraditórias (melhor/pior; luz/trevas; crença, incredulidade; primavera/inverno; esperança/desespero).

A atualidade decorrente desta coexistência dispensa qualquer explicação detalhada de atualidade: as épocas aqui

>>

representadas, o antes e o depois de 1789, podem ser transpostas para outros tempos e lugares, mesmo se as personagens são, como já notámos, ainda construídas muito à maneira romântica, apresentando maniqueísmos artificiais, como a bondade e maldade absolutas. E de tal maneira elas exageram essas duas facetas que legitimam, mesmo se indiretamente, o melhor e o pior dos tempos.

Passando agora a uma análise, mais concreta e mais ordenada, poderemos salientar os seguintes aspetos: *primeiro*: a conjuntura política ou social; *segundo*: o modo de narrar e a focalização, que nos aponta para um narrador especial; depois, decorrente do tipo de narrador, a intriga em si e aquilo sobre que assenta: *desconhecimento* e o respetivo *reconhecimento* — o segredo e as inevitáveis identidades escondidas.

Conjuntura político-social — como disse, há o *antes* da revolução e o *depois* da revolução. O *antes* da revolução é-nos mostrado, não tanto por aquilo que é dito, mas por pequenos detalhes, que indiciam o ambiente e as circunstâncias impositivas de mudança: permito-me salientar o episódio da criança que é morta pela carruagem do Marquês de St. Evremonde. Depois de dizerem ao Marquês por que é que estão a gritar lá fora (“é que morreu uma criança”), ele diz isto: “É extraordinário para mim como é que estas pessoas não páram de fazer filhos.”; “E por isso, um ou outro está sempre no nosso caminho. Como é que eu posso...”. E depois de ponto final, diz assim: “o cavalo, magoou-se?” Esta breve frase quase resume a indiferença e a crueldade que define o tempo antigo; no entanto, o tempo moderno, o tempo depois da Revolução Francesa, não é muito mais humano, não é muito melhor. O casal Defarge, que poderemos considerar como paradigmático, é um casal de operários, um casal do povo. Madame Defarge tricota constantemente, e no tricot, ela borda o nome de todos aqueles que é preciso condenar, o nome de todos aqueles que devem ir para a guilhotina, mostrando uma insensibilidade igualzinha à do Marquês que passou por cima da criança e que a matou, per-

guntando depois se o cavalo se magoou; seguindo uma lógica de construção ainda muito devedora do romance oitocentista, não admira que o senhor Defarge tenha sido encarregado de vigiar um dos heróis do romance, tendo tomado conta dele enquanto aquele esteve aprisionado pelo antigo regime, contribuindo desse modo para adensar a série de coincidências e para facilitar a interação entre diferentes motores da intriga.

Em relação ao problema do esquecimento e do reconhecimento, deveremos salientar que o romance se estrutura, fundamentando-se no esquecimento do passado. As personagens, embora por razões diversas, não sabem frequentemente quem são, não sabem quem é o outro. Este processo narrativo é muito típico de toda a construção romântica. Gera-se o *suspense* a partir desse desconhecimento: o caso do Dr. Manette, preso pelo antigo regime e libertado depois da tomada da Bastilha, pode considerar-se como emblemático, não só do tipo de narração utilizado como das estratégias de construção da personagem, estruturada sempre a partir de meandros intrincados, que se destinam a realçar as qualidades impolutas do herói; Dr. Manette vê a filha casar com o sobrinho do seu perseguidor e tem a grandeza de alma necessária para ultrapassar essas vicissitudes, que dão azo a reconhecimentos patéticos e a sublinhar as características de personagem-anjo, que o levam a interceder pelo genro, sobrinho do homem que o encarcerou, ao contrário do que fará Madame Defarge, correspondente popular do marquês.

Em resumo, poderemos afirmar que Dickens pretende relatar um tempo contraditório, utilizando diferentes focalizações (muitas vezes opostas), de molde a relativizar interpretações abusivas que transmitam acriticamente visões simplistas e dogmáticas de acontecimentos históricos. É já uma leitura crítica e epistemológica, como os teóricos do pós-modernismo (cf. Linda Hutcheon) apontam como característica do romance das últimas décadas do século XX. <<

>>